

NARRATIVAS DE UM CURRÍCULO- SONHO EM *COLLEGE BOY*(2013)

Alcidesio Oliveira da Silva Junior¹

Resumo: O artigo analisa as narrativas produzidas por internautas nos comentários do videoclipe *College Boy* (2013), da banda *Indochine*, buscando cartografar a emergência de um *currículo-sonho* a partir dessas escritas de si. Ancorado nas teorias pós-críticas de currículo, nos estudos culturais em educação e nas filosofias da diferença, o estudo adota a cartografia de inspiração deleuze-guattariana para acompanhar processos de subjetivação mobilizados por afetos. A pesquisa evidencia como a experiência estética com o videoclipe, marcado pela representação da violência escolar, desencadeia memórias, fabulações e identificações que levam os sujeitos a narrar suas próprias trajetórias. Tais narrativas, compartilhadas em uma plataforma digital como o *YouTube*, configuram práticas formativas que extrapolam os espaços escolares, contribuindo para a educação do sensível e para a produção de redes de solidariedade. O conceito de *currículo-sonho* é mobilizado para compreender essas dinâmicas como processos de criação de si, nos quais os sujeitos fabulam suas existências em meio a afetos, encontros e experiências. Conclui-se que as narrativas de si, ativadas pela arte, operam como práticas pedagógicas que produzem deslocamentos, (des)aprendizagens e novas formas de existir.

Palavras-chave: Currículo; Pesquisa narrativa; Videoclipe; Cartografia.

¹Universidade Estadual da Paraíba. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5536-064X>. E-mail: alcidesio.junior@servidor.uepb.edu.br



NARRATIVES OF A DREAM-CURRICULUM IN *COLLEGE BOY*(2013)

Abstract: This article analyzes narratives produced by users in the comments section of the *College Boy* (2013) music video by Indochine, aiming to map the emergence of a *dream-curriculum* through these self-narratives. Grounded in post-critical curriculum theories, cultural studies in education, and philosophies of difference, the study adopts a Deleuze-Guattarian cartographic approach to trace processes of subjectivation driven by affects. The findings highlight how the aesthetic experience of the music video — marked by representations of school violence — triggers memories, fabulations, and identifications that lead individuals to narrate their own life experiences. These narratives, shared on a digital platform such as YouTube, constitute formative practices that go beyond formal educational spaces, contributing to the education of sensibility and the creation of networks of solidarity. The concept of *dream-curriculum* is used to understand these dynamics as processes of self-creation, in which subjects fabulate their existence through affects, encounters, and experiences. The study concludes that self-narratives activated by art function as pedagogical practices that foster displacements, (un)learning processes, and new ways of existing.

Keywords: Curriculum; Narrative research; Music video; Cartography.

INTRODUÇÃO

Em 2013, um videoclipe publicado no *YouTube* provocou polêmica na França. Divulgado pela banda de *rock* francesa *Indochine*² e dirigido por Xavier Dolan, renomado cineasta canadense premiado por filmes como *J'ai tué ma mère* (2009) e *Mommy* (2014), o vídeo da música *College Boy*³ foi

² A banda de *rock* *Indochine*, formada em 1981, é amplamente reconhecida não apenas na França, mas em toda a Europa, sendo também conhecida por seu posicionamento político à esquerda. Entre seus principais sucessos, destacam-se as canções *Troisième sexe*, *Canary Bay* e *Tes yeux noirs*. Em 2011, em reconhecimento à sua longevidade e relevância na cena musical francesa, o grupo recebeu um prêmio de honra no *Victoires de la Musique*.

³ A música integra o álbum *Black City Parade* (2013).

censurado no país (e também no Canadá) devido às suas cenas de violência.

A narrativa se constrói em torno de um jovem, interpretado por Antoine Olivier Pilon, e do *bullying* que ele sofre em sua escola⁴. Não se explicita a origem da violência – ainda que ela não se justifique em nenhum contexto –, mas esse vazio enunciativo permite que diferentes sujeitos, especialmente aqueles situados à margem, se reconheçam na narrativa. Tal abertura pode ajudar a explicar os 9.205 comentários publicados no *YouTube*, bem como a expressiva quantidade de visualizações acumuladas pelo vídeo desde a sua divulgação⁵.

Filmado em preto e branco, o que produz uma atmosfera dramática às performances em cena e à música de fundo, *College Boy* se inicia com uma mensagem de alerta em francês: “este videoclipe contém imagens e cenas que podem chocar os/as mais jovens” (tradução livre). As cenas seguintes mostram o rapaz sendo alvo de diversos tipos de violências por seus/suas colegas, sejam elas físicas ou simbólicas, sob os olhos impassíveis de seus professores/as e familiares. Quando a música se intensifica, ao som dos versos “eu entendo que aqui é difícil ser tão diferente para essas pessoas”, presenciamos o ápice do ódio na simbólica e trágica cena do jovem sendo crucificado no meio do pátio da escola, diante de pessoas vendadas, enquanto é alvejado por um tiro de um policial que deveria protegê-lo.

Ainda que seja um material profícuo, não pretendo analisar, neste artigo, a letra da música de *Indochine*. Tampouco me volto para uma cartografia do *currículo-imagem* (Silva

⁴ Apesar do título em inglês *College Boy* fazer referência ao que poderia ser entendido como uma história em um contexto universitário, a palavra *collège*, no francês, diz respeito ao que seria no Brasil o Ensino Fundamental II. Faço este apontamento, pois pode soar contraditório, visto que os/as personagens da história apresentam entre 14 e 15 anos de idade.

⁵ Até 17 de abril de 2026, o videoclipe acumula 8.383.984 visualizações no *YouTube*, desde sua publicação em 3 de maio de 2013.

Junior, 2021) de *College Boy*, acompanhando sua potência de afecção. Neste texto, afetado pelas mensagens postadas abaixo do videoclipe, busco cartografar o *currículo-sonho* que emerge desses comentários, analisando como essas narrativas acionam memórias, afetos e experiências de violência entre os/as internautas, de modo a produzir reverberações que implicam na educação do sensível.

O estudo adota a cartografia de inspiração deleuze-guattariana (Rolnik, 1989; Deleuze; Guattari, 2011; Silva Junior, 2025), no intuito de acompanhar as movências das subjetividades constituídas nas narrativas de si. Busquei não a frequência, mas a intensidade entre os comentários, compreendendo que a cartografia não é um método “que se refere à reprodução, redução, ou decalque do real. Funciona mais como um mapa que constitui um sistema aberto com múltiplas entradas e saídas, havendo uma conexão e entrelaçamento com o real” (Hur, 2021, p. 278).

Por meio do método cartográfico, torna-se possível mapear os comentários em suas forças de disrupção, isto é, naquilo que produzem como acontecimento e em sua potência de afetar outros/as espectadores/as do vídeo. Cada comentário, ao erguer um provisório altar de memórias e confissões, transforma-se em um dispositivo de agenciamento que, embora se conecte por uma espécie de linha trêmula de identificação, abre-se à diferença no momento em que recolhe da arte suas sementes de devir. Tornamo-nos outros/as a partir do rizoma que se constrói apenas no encontro diante da tela. Nesse movimento, não recorro à interpretação, mas à experimentação (Hur, 2021; Silva Junior, 2025), que me mobiliza a sentir os comentários como narrativas de dissolução e, ao mesmo tempo, como afetos.

Assim, em vez de esgotar a totalidade dos 9.205 comentários, o que se revela impossível à medida que as visualizações aumentam a cada dia, a investigação acompanha aqueles que se destacam pela recorrência às diferenças e,



sobretudo, os que apresentam narrativas sobre experiências escolares e que, pelos sentidos partilhados, possibilitam maior intensidade de afecção sobre outros/as internautas.

Após a contextualização da pesquisa, nesta introdução, apresento os referenciais teóricos que têm me permitido pensar e operar com a noção de *currículo-sonho*, bem como, no âmbito deste estudo, com a sua força nas escritas de si presentes nos comentários do *YouTube*. Em seguida, traço a cartografia desse currículo, evidenciando também a potência das plataformas digitais na produção de subjetividades, redes de convivência e de apoio, bem como territórios que “[...] têm instituído modos de viver, de se relacionar, de aprender” (Bortolazzo, 2018, p. 42).

AS LINHAS DE UM CURRÍCULO QUE SONHA...

Para expandir a noção do pedagógico para além dos espaços educacionais formais, como escolas e universidades, as teorias pós-críticas de currículo têm se mostrado profícuas ao questionarem concepções essencialistas de sujeito, de verdade e de universalismo do conhecimento. Ao problematizarem noções tradicionais no campo da Educação, entre elas, as de pedagogia e de currículo, essas teorias apontam para a contingência dos significados e, conseqüentemente, para as definições tomadas até então como inabaláveis.

Os estudos culturais em educação, ao possibilitarem investigações sobre as pedagogias e currículos culturais, investem os/as pesquisadores/as de novas racionalidades e sensibilidades, em consonância com um tempo em que estamos imersos/as, de forma cada vez mais intensa, nas interações midiáticas. Não aprendemos apenas em escolas e universidades, mas também somos subjetivados/as nas narrativas das novelas, nas cenas de filmes, nas canções que entoamos em nossas *playlists* cotidianamente, nas roupas que

escolhemos vestir e nos espaços urbanos que orientam nossos olhares, deslocamentos e modos de sentir.

As filosofias da diferença, igualmente presentes no caldeirão mágico das teorias pós-críticas da educação, “nos ajudam a pensar a variação, a ficção da verdade e a diferença como elementos de atenção do/a pesquisador/a” (Silva Junior, 2025, p. 5). Por meio de autores/as como Gilles Deleuze, Félix Guattari e Suely Rolnik, emerge a possibilidade de compreender que os afetos também produzem nossas presenças no mundo. Tomo o conceito de afeto a partir da acepção de Benedictus de Spinoza (2019), entendendo-os como alegres, quando ampliam nossa potência de agir no mundo, ou tristes, quando a diminuem. O afeto, segundo Deleuze e Guattari (2012, p. 18), também “não é um sentimento pessoal, tampouco uma característica, ele é a efetuação de uma potência de matilha, que subleva e faz vacilar o eu”.

Com essas inspirações, tenho operado com o conceito de *currículo-sonho* (Silva Junior; Maknamara, 2024) para pensar os processos de subjetivação que emergem por meio de produções narrativas. Ao narrarmos sobre nós mesmos/as e sobre nossas experiências de mundo, não descrevemos realidades ou verdades fixas, mas fabulamos mundos, produzindo identidades e diferenças nos jogos de sentido da/na enunciação. Um *currículo-sonho* é, assim, tecido por escritas e narrativas de si que costuram modos de ser e estar no mundo. Ao contar nossas vidas, de forma escrita, imagética, oral ou performática, compomos ideias sempre provisórias sobre quem somos, afirmando-nos em meio a essas invenções singulares.

As experiências formadoras, conforme destaca Inês Bragança (2011, p. 159), inscrevem-se “[...] na força do que nos atinge, que nos sobrevivem, nos derrubam e transformam, inscritas na memória, que retomam pela narrativa não como descrição, mas como recriação, reconstrução”. Se experiência é “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (Larrosa,

2002, p. 21), não se reduzindo ao mero acúmulo de informações, falar sobre as experiências de vida se torna um processo educativo, logo formador, pois reorganiza e atribui sentidos ao vivido em meio às inúmeras intervenções dos jogos cotidianos.

Ao tecer as linhas de um *currículo-sonho*, não me refiro a uma elaboração psicanalítica e interpretativa aos moldes freudianos, mas a um movimento que se dá entre fabulação e criação de si. A função fabuladora, para Deleuze (1997, p. 13), “não consiste em imaginar nem em projetar um eu. Ela atinge sobretudo essas visões, eleva-se até esses devires ou potências”. Não há, portanto, um objetivo previamente estabelecido no ato de fabular. Devaneios, palavras livres e narrativas aparentemente desconexas, mas que fazem emergir desejos e vontade de avançar no mundo, configuram movimentos de um *currículo-sonho*, sinalizando para a coloração da vida, para o elemento formador do próprio ato de contar histórias de si, ativadas pela memória e pelas situações em um acontecimento ou espaço de enunciação.

Importante destacar que, para Deleuze (1997), a fabulação não decorre de lembranças de um eu prévio. O ato fabulatório ultrapassa essencialismos e racionalidades fixas, produzindo-se no encontro com forças moventes que estão para além de sujeitos e formas. É na relação transindividual que a fabulação se afirma como potência. Assim, um *currículo-sonho* não é uma simples elaboração de um sujeito prévio, mas se constitui no ato mesmo de enunciação. É no encontro entre temporalidades distintas, nas forças e sensações que nos atingem no agora, que narramos nossas ficções de vida, criando cenas, personagens, ritmos e temperaturas que coroam um *currículo-sonho* de sua dimensão subjetivadora.

Nessa perspectiva, o “sonhar”, na noção de *currículo-sonho*, não se refere ao estado de consciência do sono, mas opera como uma metáfora, ou palavra criadora e alargada dos seus sentidos primeiros, para os atos narrativos que se

desdobram como linhas formativas e fabuladoras de uma vida. Para Artaud (2006, p. 172), “quando sonho, faço alguma coisa”. Assim, “esse sonhar, que aqui é entendido bem além de apenas imagens inconscientes que nos tomam o sono, é uma prática de dar sentidos a nós mesmos/as e a tudo que nos acontece” (Silva Junior; Maknamara, 2024, p. 07). Tal compreensão se aproxima de Bragança (2011, p. 161), ao afirmar que “são, pois, as transformações que dão capilaridade à vida e que, articuladas, produzem formação”.

CULTURA DIGITAL E NARRATIVAS DE SI

Conforme dito anteriormente, as narrativas de si podem ser ativadas e apresentadas de múltiplas formas: orais, escritas, imagéticas e performáticas. As plataformas digitais, dentre elas o *YouTube*, têm se constituído como espaços de interação social nos quais comunidades afetivas se formam e interagem por meio de processos narrativos. Trata-se de lugares “de produção discursiva onde se organizam sentidos sobre os sujeitos” (Silva Junior, 2025), onde “se produz sentido e significado sobre os vários campos e atividades sociais [...] se trabalha sobre sentidos e significados recebidos, sobre materiais culturais existentes” (Silva, 2010, p. 21).

A importância das tecnologias de informação e comunicação no cotidiano da sociedade contemporânea tem sido evidenciada por diversas pesquisas (Bortolazzo, 2018; Mutz; Bortolazzo, 2025; Koch, 2026). Entende-se que “o uso e consumo de smartphones e tablets, bem como todo o espectro de situações, objetos, práticas e relações que formam parte da Cultura Digital vão instigando valores, gerindo condutas e produzindo subjetividades” (Bortolazzo, 2018, p. 38).

Hoje em dia “vivemos cada vez mais conectados(as) e é por meio das conexões em rede que construímos a nossa cidadania e as nossas subjetividades” (Silva Junior; Félix; Couto, 2020, p. 04). A cultura digital, para Bortolazzo (2018, p.

36), acaba sendo “um marcador cultural, uma vez que envolveria tanto os artefatos quanto os sistemas de significação e comunicação que demarcam e distinguem nosso modo de vida contemporâneo”. Em consonância com essa perspectiva, compreendo que, nas múltiplas tecnologias da informação e da comunicação, constitui-se um ciberterritório de mensagens, produtos, saberes e afetos que deslizam eletronicamente (Couto; Couto; Cruz, 2020) e produzem novas aprendizagens.

A todo momento, somos provocados/as a narrar acontecimentos de nossas vidas por meio das redes sociais. No *YouTube*, objeto do presente artigo, os comentários abaixo dos vídeos evidenciam uma sociedade que se constrói em interação virtual. Entre esses comentários, encontram-se memórias relatadas, dores compartilhadas, elogios, críticas e alusões políticas. São escritas de si que atualizam, de certo modo, os apontamentos de Michel Foucault (2004, p. 153) ao descrever o exercício da escrita pessoal, comum entre os gregos, que “age, por meio do próprio gesto da escritura, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe”.

As escritas de si, conforme descritas por Michel Foucault, compreendiam tanto cartas trocadas quanto textos acumulados pelos gregos, os quais poderiam servir como consolo, admoestação, exortação ou conselho. Trata-se de uma série de procedimentos de subjetivação por meio da escrita, que revela uma estilização da própria existência. Os comentários nos vídeos do *YouTube* podem ser aproximados dessa noção retomada por Foucault (2004), ao também expressarem trocas de afetos, de aconselhamentos, de rememorações coletivas, o que confere a essas escritas um caráter potencialmente pedagógico.

Diana Klinger (2006, p. 23, grifos da autora) afirma que Foucault demonstra que “a escrita de si não é apenas um registro do eu, mas – desde a Antiguidade clássica até hoje [...]

constitui o próprio sujeito, *performa* a noção de indivíduo”. Assim, para Klinger (2006, p. 18), a escrita de si é performática, pois produz efeitos de realidade sobre o sujeito e que temos assistido hoje “aos inúmeros registros biográficos na mídia, retratos, perfis, entrevistas, confissões, *talk shows* e *reality shows*, ao surto dos blogs na internet”.

O que mobiliza essas pessoas a escreverem sobre si nos comentários dos vídeos? O que podem esses afetos? Ao trazer a temática do cuidado de si, praticado na cultura greco-romana, Foucault (2004, p. 146) destaca que “entre todas as formas tomadas por esse treino (e que comportava abstinências, memorizações, exames de consciência, meditações, silêncio e escuta do outro)”, a escrita acabou tornando-se uma prática que visava um movimento de alma, um vislumbre das atitudes, pensamentos, valores e que poderia servir como um trabalho requintado do indivíduo sobre si mesmo. Trata-se de uma relação consigo e com o outro que não se sustenta na sujeição a códigos morais generalizados, como viria a ocorrer com o cristianismo no período seguinte, mas em práticas de liberdade, nas quais “o indivíduo se realiza como sujeito moral na plástica de uma conduta medida com exatidão, bem visível de todos e digna de uma longa memória” (Foucault, 2001, p. 84).

De acordo com Ortega (1999, p. 51), “esse auto-relacionamento, na forma do cuidado, do trabalho do indivíduo sobre si (*ascese*), representa para Foucault uma forma de resistência ao poder subjetivante, constituindo assim seu programa político”. Tem-se, portanto, uma filosofia baseada em uma ética da virtude, no talhar de uma vida a ser lembrada e respeitada, pois “a chave da atitude política pessoal de um filósofo não deve ser buscada em suas ideias, como se pudesse delas ser deduzida, mas sim em sua filosofia como vida, em sua vida filosófica, em seu *ethos*” (Foucault, 2004, p. 219). A escrita de si nos comentários do *YouTube* constitui-se, portanto, como uma prática em que a produção de si acontece no próprio ato

da escrita, no movimento de leitura de si, na elaboração da linguagem e na estética de uma existência, sendo “um modo de sujeição [que] está caracterizado pelo ideal de ter uma vida bela e deixar a memória de uma existência bela” (Castro, 2009, p. 150).

Por fim, destaco que a escrita de si não produz apenas efeitos de um novo relacionamento do sujeito consigo mesmo, mas também com o outro, como será evidenciado nos comentários do *YouTube*, pois “o sujeito não é condição de possibilidade da experiência, não preexiste aos acontecimentos; ao contrário, constitui-se na ação e em redes de relações em que vivencia a experiência” (Rago, 2013, p. 42-43). Constituído e constituinte de múltiplas redes de sociabilidades, cada experiência – com o outro e consigo – torna-se um elemento, um pequeno grão, em uma ampla rede de significados que atua de maneira produtiva nas lentes de mundo, nos sentidos que atribuímos ao que nos abraça e ao que nos aparta.

Por meio da escrita, ou seja, das narrativas que não apenas descrevem o mundo, mas o criam no mesmo momento em que são enunciadas, evidencia-se a potência da linguagem na criação de mundos. Como argumenta poeticamente Jorge Larrosa (2002, p. 21), “quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas”, isto é, “de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos” (idem).

UM CURRÍCULO-SONHO SOB A FORÇA DOS AFETOS

A cartografia busca dar língua aos afetos (Rolnik, 1989). Nesse processo intensivo, cuja atenção se volta para sons, imagens e comentários no vídeo *College Boy*, disponível no *YouTube*, atentei-me às formas pelas quais as pessoas foram

afetadas pela experiência estética e desataram processos narrativos na composição de um *currículo-sonho*. Compreendo a experiência estética como um indício de um encontro, “na medida em que a obra [de arte] coloca problemas, provoca estranhamento, afeta, força a pensar e a produzir sentido” (Kastrup; Caliman, 2025, p. 19).

Para Georges Didi-Huberman, Frédéric Lambert e François Niney (2008, p. 06), “[...] diante do estrangeirismo da imagem, nossa linguagem se enriquece de novas combinações e nosso pensamento de novas categorias”. A possibilidade de cruzamento entre a experiência do olhar, promovida pelas imagens, e nossas memórias possibilita um campo aberto para as narrativas de si. Um *currículo-sonho* pode ser desenhado à medida que um corpo é afetado por uma imagem, por uma pergunta, por uma lembrança ou mesmo por um vento que toca o rosto, permitindo que sejamos confrontados/as com uma outra imagem de nós mesmos/as.

São muitas as experiências de violência na escola narradas pelos/as internautas. Tais comentários sinalizam para a fragilidade dos espaços escolares na promoção de segurança e respeito às diferenças. Ao falarem sobre o que vivenciaram enquanto crianças e adolescentes, esses sujeitos reacomodam lembranças, disputam e negociam sentidos sobre si e sobre a própria vida, experimentando uma relação com o outro marcada por uma singular alteridade, capaz de recompor sua posição no mundo.

Também sofri bullying na escola; isso me destruiu e impactou muito meu desenvolvimento pessoal! Muitos jovens, sejam crianças do ensino fundamental ou adolescentes do ensino médio, sofrem esse trauma! No entanto, esse assunto ainda é um grande tabu na França, mesmo sendo a causa de muitos suicídios entre adolescentes! Também vivenciei a hipocrisia dos



professores, a inversão de papéis, me rotulando como agressor quando eu era a vítima! O final do vídeo pode ser apenas uma metáfora, mas é exatamente como me senti quando sofria bullying! Humilhado em público, crucificado na cruz da vergonha e do sofrimento, os golpes que me destruíram foram como as balas que o jovem recebe no final. (Louis⁶)

Este vídeo representa perfeitamente o que eu vivi durante toda a minha vida escolar. Lembro-me de assisti-lo pela primeira vez quando mal tinha saído do pesadelo que vivi no ensino fundamental e médio. Lembro-me de chorar porque retratava e denunciava com tanta precisão o que eu havia sofrido. A violência de alguns alunos, a cegueira de outros, de certos professores, a futilidade das ações dos poucos professores que intervieram (que só pioraram as coisas) e, às vezes, frequentemente, meus algozes, que estavam longe de ser alunos exemplares, fazendo amizade com os professores (Marie).

As narrativas apontam para um problema que mobiliza discussões em boa parte da sociedade: a violência escolar. A escola, como uma instituição que pouco tem se transformado desde sua concepção pedagógica na modernidade (Silva Junior, 2024), não tem sido amplamente reconhecida como um território aberto às diferenças. Ao contrário, as práticas de disciplinamento, controle, docilização e instrumentalização dos corpos estudantis (Foucault, 2014) sustentam uma lógica de homogeneização, na qual tudo aquilo que escapa às normatividades tende a ser marginalizado. Nesse espaço de

⁶ Os nomes citados foram inventados por mim para manter o sigilo das pessoas, ainda que muitas já apresentem outros nomes e apelidos em seus perfis no *YouTube*.

abjeção, que trata daquilo que foge da norma (Butler, 2018), emerge com força a invisibilidade de vidas que sofrem, inclusive sob o olhar de docentes que poderiam atuar na construção de uma cultura escolar mais aberta às diferenças.

Nas práticas de *bullying*, recorrentes tanto nas escritas de si dos comentários quanto no próprio videoclipe, observa-se uma forma de violência que ocorre, muitas vezes, escondida “aos olhos das autoridades e [na qual] há a intenção de ferir um alvo que se sente de menor valor, configurando um desequilíbrio de poder psicológico entre autor e alvo” (Tognetta; Oliveira; Bomfim, 2021, p. 100). Nos casos apresentados, contudo, essa sutileza se dissolve, pois até os/as docentes silenciam diante da violência, o que provoca efeitos profundos no desenvolvimento da autoestima e da segurança de muitos/as estudantes.

Meu filho sofreu bullying intenso na escola, o que o deixou deprimido e com pensamentos suicidas, mas felizmente ele nunca chegou a concretizar isso graças a diversas formas de apoio. (Catarine)

“Sofri muito com bullying durante o ensino fundamental. Fui traída pelos meus amigos, que se voltaram contra mim, junto com os valentões da escola, sem nenhum motivo aparente. Hoje, mais de 20 anos depois, essa música e esse vídeo me transportam de volta para aquele período sombrio da minha vida, e é difícil conter as lágrimas. A violência aberta e diária, bem no meio do pátio da escola, cercada por todas aquelas pessoas, crianças e adultos, que agiam como se nada estivesse acontecendo, bem ali na frente deles.” (Pierre)

É importante considerar que “[...] a ação de narrar e de refletir sobre as experiências vividas, ou em devir, permite dar

sentidos ao que aconteceu, ao que está acontecendo, ao que pode mudar ou permanecer inalterável”, afirma Maria da Conceição Passeggi (2021, p. 94). Catarine, afetada pelo videoclipe da banda *Indochine*, estabelece associações com a vivência de seu filho, representando, por meio da linguagem, os processos de alteridade e de identificação que são potentes para o fortalecimento de ideias, posições e tomadas de decisão. Já Pierre, a partir de uma experiência estética, retoma um período marcante de sua vida, reativando memórias que possibilitam ressignificar sua trajetória. Nesse movimento, a narrativa emerge como produção de sentido, permitindo ao sujeito reinventar a percepção de si, do outro e do mundo (Passeggi, 2021).

Desde o ensino fundamental, sofri bullying na escola, não por ser gay, mas esse vídeo me tocou profundamente. Me vi nele; cheguei a pensar em fazer algo parecido, mas me contive ao lembrar dos meus pais, que sempre me apoiaram. Acho que estaria aqui falando sobre isso agora. Então, posso dizer que esse vídeo retrata claramente a homofobia, mas também aborda outras formas de bullying no ambiente escolar. (Florent)

College Boy conta a história simples, porém trágica, de um jovem gay que sofre bullying na escola. A letra, imbuída de uma tristeza contida, permanece fiel ao estilo do *Indochine*, mas as imagens do videoclipe não poupam o espectador de nada.” (Raphaël)

Ainda que a relação entre o *bullying* sofrido pelo jovem no videoclipe e a homofobia não seja explicitada de forma direta, algumas escritas de si mobilizam essa leitura, o que evidencia a força da arte na produção de subjetividades no próprio ato de fruição estética. Nos processos de identificação

coletiva, como observado nos comentários, emergem formas de fortalecimento mútuo e práticas de solidariedade que tecem laços sociais e afetivos mediados pelas plataformas virtuais. Tal compreensão parte da ideia de que “a colocação em comum de questões, preocupações e inquietações, explicitadas graças ao trabalho individual e coletivo sobre a narração de cada participante”, nos diz Marie-Christine Josso (2007, p. 415), “permite que as pessoas em formação saiam do isolamento e comecem a refletir sobre a possibilidade de desenvolver novos recursos, estratégias e solidariedade que estão por descobrir ou inventar”.

A associação entre a violência escolar em *College Boy* e a homofobia é também reforçada pelo fato de o videoclipe ter sido dirigido por Xavier Dolan, cineasta assumidamente *gay* e conhecido por um cinema de forte dimensão autobiográfica⁷. Nesse sentido, o videoclipe pode ser compreendido como uma forma de escrita de si imagética, potente para desatar outras escritas de si por parte dos/as espectadores/as, especialmente nos comentários do *YouTube*. Ao considerar a escrita de si como performance, evidencia-se a desnaturalização do sujeito: trata-se de um exame de consciência, uma revisitação de hábitos, valores e sentidos, desembocando em efeitos de verdade.

Ao narrar tensionamentos quanto à sexualidade, como nos comentários apresentados e na própria direção de Dolan, as subjetividades são continuamente produzidas, abrindo caminhos para a diferença e para a experimentação. Diana Klinger (2006; 2008), ao pensar a escrita como performance, permite compreender esses movimentos como práticas que se dão em redes rizomáticas de sentido. Nessa perspectiva, os comentários no *YouTube* podem ser lidos como uma afirmação de si que também se orienta pelo olhar do outro. Um território

⁷ O próprio ator que interpreta o rapaz que sofre violência no videoclipe, o canadense Antoine Olivier Pilon, é figura frequente entre os personagens dirigidos por Xavier Dolan em seus filmes.

criativo no qual a “arte da performance supõe uma exposição radical de si mesmo, do sujeito enunciator assim como do local da enunciação”, afirma Klinger (2006, p. 58), assim como, “a exibição dos rituais íntimos, a encenação de situações autobiográficas, a representação das identidades como um trabalho de constante restauração sempre inacabado”.

Se todo currículo é uma prática de significação (Silva, 2010), ao tecer as linhas de um *currículo-sonho* por meio das narrativas de si, os sujeitos captam forças inesperadas que extrapolam a cognição e a representação, se envolvendo em tramas de múltiplas conexões, à maneira de um rizoma, nas quais as subjetividades se abrem à experimentação e à criação. Ao fabular sobre si, seja para o outro ou para si mesmos/as (como em diários pessoais, por exemplo), instauram-se linhas de (des)aprendizagens que mobilizam novos modos de pensar, agir e sentir, possibilitando recomeços, transformações e expansões da vida.

Meu filho estava sofrendo bullying. Eu não sabia como ajudá-lo. Decidi mostrar a ele este vídeo. Isso gerou uma conversa franca e resolvemos a situação. Mas o mais importante é que ainda conversamos sobre isso... Obrigada! (Antoine)

Isso precisa parar... Agradeço à Indochine por mostrar as experiências reais de pessoas que podem ser diferentes, seja fisicamente, mentalmente ou sexualmente. Todos nós somos diferentes, todos nós temos diferenças, e todos deveriam ter o direito de viver suas vidas em paz. (Amélie)

Eu revejo esse vídeo regularmente; ele me remete à minha infância, mas também me ajuda em um projeto atual. É difícil, mas vale a pena. (Phillipe)

As narrativas dos/as internautas evidenciam a potência da arte em suscitar conversas, problematizações sobre si e sobre o mundo, bem como ajudar na educação do sensível. O videoclipe *College Boy* mobiliza reflexões sobre o *bullying*, seja ele vivido diretamente ou percebido como expressão de uma sociedade que violenta as diferenças. Nesse contexto, as narrativas de si configuram-se como um modo de formação existencial e “como um processo de dar sentido às aprendizagens formais e informais, às experiências e aos projetos de si” (Josso, 2007, p. 424).

Há, portanto, neste artigo, um entendimento alargado de formação. Ao serem afetados/as não apenas pelo videoclipe, mas também pelos comentários publicados no *YouTube*, os sujeitos são atravessados por forças pré-individuais, da ordem das sensações, que circunscrevem as linhas de um *currículo-sonho*. Memórias, desejos, fabulações e devaneios, narrados nos mais diferentes suportes, mostram-se profícuos para a (re)construção de visões de mundo, a (re)acomodação de valores e as (re)aprendizagens ao longo da vida, produzindo efeitos profundos na constituição das subjetividades, entendidas como estilizações da existência em permanente devir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No *currículo-sonho* que me propus a pensar neste artigo, que dança em meio às imagens e aos sons do videoclipe *College Boy*, da banda *Indochine*, algo desponta nos processos de subjetivação que se materializam por meio de uma escrita de si. Algo de microscópico e intenso, da (des)ordem do microtextual (Silva, 2010) e de um devir-sensível (Deleuze; Guattari, 1992), manifesta-se pelos afetos. Afetos que se produzem nos encontros entre corpos, em movimentos de atração e repulsa, podendo ser “eróticos, sentimentais, estéticos, perceptivos, cognitivos” (Rolnik, 1989, p. 25).



Vemos desenhar-se, no agenciamento entre internautas, videoclipe e narrativas dos outros/as, as linhas de um *currículo-sonho* produzidas em meio a memórias, desejos e fabulações. Há, portanto, um processo formativo, e, nesse sentido, pedagógico, que emerge quando contamos histórias sobre nós mesmos/as, contornando acontecimentos e buscando dar sentidos ao que nos atravessou. Se nossa vida pode ser compreendida como um repertório de experiências, estas se tornam pedagógicas quando se (re)organizam em novos entendimentos, sentimentos e percepções, fazendo-nos devir em processos múltiplos e permanentes de (des)aprendizagens.

Ser afetado/a pela arte, a ponto de desdobrar-se em narrativas que também afetam outros/as, evidencia variações de potência no plano coletivo diante do videoclipe do *YouTube*. Um movimento de abertura e de dar corpo, pelo poder poético da arte, “às mutações sensíveis do presente” (Rolnik, 2010, p. 21). Nesse movimento, “quando acontecimentos são narrados e compartilhados, personagens, lugares, conversas, texturas e imagens ganham espaço em nossas vidas. Somos forçados a pensar. Suspensões interrogam nossas posições de saber e poder” (Pozzana, 2013, p. 335), fazendo-nos outros/as.

REFERÊNCIAS

ARTAUD, Antonin. **O Teatro e seu duplo**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BORTOLAZZO, Sandro Faccin. O lugar da educação na cultura digital: esboços de crianças e jovens digitais. **Textura**, v. 20, n. 44, p. 27-44, set./dez. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/4120>. Acesso em: 13 abr. 2026.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 157-164, maio/ago. 2011. Disponível em:



<https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/8700>.
Acesso em: 18 abr. 2026.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 16 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COUTO, Edvaldo Souza; COUTO, Edilece Souza; CRUZ, Ingrid de Magalhães Porto. #Fiqueemcasa: Educação na pandemia da covid-19. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 200-2017, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8777>. Acesso em: 14 jul. 2026.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia (Vol. 1)** Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia (Vol. 4)**. Tradução de Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.



DIDI-HUBERMAN, Georges; LAMBERT, Frédéric; NINEY, François. La condition des images. **MédiaMorphoses**, n. 22, p. 6-17, 2008. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/memor_1626-1429_2008_num_22_1_2154. Acesso em: 19 abr. 2026.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II – O uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 10 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & escritos V: ética, sexualidade, política**. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Auttran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HUR, Domenico Uhng. Cartografia das intensidades: pesquisa e método em esquizoanálise. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 46, p. 275-292, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8392>. Acesso em: 14 jul. 2026.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, n. 3, v. 63, p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/2741>. Acesso em: 18 abr. 2026.

KASTRUP, Virgínia; CALIMAN, Luciana. O laboratório estético de atenção em processo. In: KASTRUP, Virgínia; CALIMAN, Luciana (orgs.). **Laboratório estético da atenção: o**



cultivo da atenção conjunta. Curitiba: CRV Editora, 2025. p. 15-32.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro**: autoficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_f57d908712279a52810df6909f6b1bcl. Acesso em: 15 abr. 2026.

KLINGER, Diana. Escrita de si como performance. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n. 12, p. 11-30, 2008. Disponível em: <https://revistaabralic.com.br/index.php/revista/article/download/178/181>. Acesso em: 19 abr. 2026.

KOCH, Rodrigo. Diálogos e dúvidas de uma transformação digital em curso: resenha de *A geração ansiosa*. **Revista da RIECEdu**, Campina Grande, v. 1, 2026. Disponível em: https://revista.uepb.edu.br/riecedu/pt_BR/article/view/4944. Acesso em: 18 abr. 2026.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 abr. 2026.

MUTZ, Andresa Silva da Costa; BORTOLAZZO, Sandro Faccin. Que futuro esperar das escolas na cultura digital? **Revista Cocar** (online), v. 38, p. 1-20, 2025. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/10676>. Acesso em: 18 abr. 2026.



ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 44, p. 93-113, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8018>. Acesso em: 01 abr. 2026.

POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. **Fractal**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 323-338, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/KqsStJnY3bfNNTXJsXwLzwD/?lang=pt>. Acesso em: 14 jul. 2026.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROLNIK, Suely. Políticas da hibridação: evitando falsos problemas. **Cadernos de Subjetividade (PUCSP)**, v. 10, p. 14-21, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/cadernossujetividade/article/download/38440/26100/0>. Acesso em: 05 abr. 2026.

SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da. O currículo-imagem do videoclipe: educando olhares para diferenças de gênero e sexualidade. **Linhas Críticas**, v. 28, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/44188>. Acesso em: 14 jul. 2026.



SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da. *Pedagogia e filosofia da Diferença: Encontros por uma ciência menor da educação. Cadernos Cajuína*, v. 9, n. 3, 2024. Disponível em: <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/311>. Acesso em: 11 jul. 2026.

SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da. No altar da bruxa: cartografias feiticeiras em uma pesquisa educacional. *Educação & Filosofia*, v. 39, 2025. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/78664>. Acesso em: 01 mai. 2026.

SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da; FÉLIX, Jeane; COUTO, Edvaldo. Amor, sexo e distância física: pedagogia do webnamoro na pandemia da Covid-19. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 58, p. 1-25, e-21741, out./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/21741>. Acesso em: 14 jul. 2026.

SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da; MAKNAMARA, Marlécio. É proibido cantar e dançar! O currículo-sonho em Pelo Malo (2013). *Pro-Posições*, Campinas, v. 35, p. 1-28, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/vJCZgqgVWKD5PWbTznqBNn/v/?lang=pt>. Acesso em: 14 jul. 2026.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.



TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; OLIVEIRA, Vitória Hellen Holanda; BOMFIM, Sanderli Aparecida Bicudo. Adesão à valores morais entre envolvidos em situações de bullying. **Revista Tópicos Educacionais**, v. 27, n. 01, p. 98-119, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/articloe/view/250284>. Acesso em: 18 abr. 2026.

Recebido em 19 de abril de 2026.

Aprovado em 21 de julho de 2026.